

Auxílios à Leitura no Século XXI: Adler em Diálogo com o YouTube e a Inteligência Artificial

Gerado a partir do Capítulo 12 do livro Como ler livros de Mortimer Adler pela IA Claude

Introdução: O Leitor Diante de um Mundo de Mediações

Mortimer Adler e Charles Van Doren, ao redigirem o capítulo 12 de *Como Ler Livros*, enfrentavam um problema que, à primeira vista, parece pertencer a uma época distante: como o leitor deve se relacionar com os instrumentos externos que prometem facilitar sua compreensão de uma obra? Dicionários, enciclopédias, comentários, resumos e outros livros relacionados eram, para eles, ferramentas legítimas — desde que usadas com critério, moderação e, sobretudo, *depois* de um esforço genuíno de leitura intrínseca.

Mais de meio século depois, o problema não desapareceu. Ele se multiplicou. O leitor contemporâneo tem à sua disposição não apenas bibliotecas físicas e manuais escolares, mas canais no YouTube dedicados a clubes do livro, podcasts filosóficos, ferramentas de inteligência artificial como o NotebookLM do Google ou o próprio ChatGPT, e plataformas que prometem entregar a "essência" de qualquer obra em quinze minutos. A pergunta de Adler, portanto, permanece perturbadoramente atual: esses auxílios nos tornam leitores melhores ou apenas leitores mais confortáveis com sua própria incompreensão?

A resposta que este texto propõe não é nem de entusiasmo irrestrito nem de recusa nostálgica. É, como o próprio Adler sugeriria, uma resposta que exige distinções.

O Princípio de Adler: A Primazia da Leitura Intrínseca

Antes de estabelecer a analogia, é preciso compreender o núcleo do argumento de Adler. Para ele, a "leitura intrínseca" — aquela em que o leitor enfrenta o livro por conta própria, com o poder exclusivo de sua mente — é a base insubstituível de qualquer compreensão verdadeira. Os auxílios extrínsecos são, na melhor das hipóteses, complementos bem-vindos e, na pior, muletas que atrofiam a capacidade de pensar de forma independente.

A máxima central do capítulo é direta: deve-se buscar ajuda externa apenas quando um livro permanece incompreensível, no todo ou em parte, *depois* dos maiores esforços para lê-lo de acordo com as regras da leitura intrínseca. Não antes. Nunca antes. Essa sequência não é arbitrária — ela determina a diferença entre um leitor que usa um comentário para esclarecer uma dúvida genuína e um leitor que o usa para evitar o desconforto de pensar por si mesmo.

Adler identifica quatro categorias de auxílio extrínseco: a experiência pessoal do leitor, outros livros relacionados, comentários e resumos, e os livros de referência (dicionários e enciclopédias). Cada um tem seu lugar legítimo; nenhum substitui o outro; e todos são secundários diante do texto original. É sobre essa arquitetura de princípios que podemos construir nossa analogia com as ferramentas digitais contemporâneas.

Os Comentários de Ontem e os Canais do YouTube de Hoje

A categoria de "comentários e resumos" é talvez a que mais diretamente encontra seu equivalente moderno nos canais do YouTube voltados à leitura filosófica e literária. Canais como *Nerdologia*, *Filosofia Etc*, ou os inúmeros clubes do livro que proliferam na plataforma cumprem uma função que Adler reconheceria sem dificuldade: são intérpretes que oferecem ao leitor uma mediação entre ele e a obra.

Adler reconhece o valor genuíno dessa mediação. Um bom comentarista, como um bom professor, pode lançar luz sobre aspectos que o leitor, sozinho, teria dificuldade em perceber. Um vídeo bem produzido sobre *A República* de Platão, ou sobre *Grande Sertão: Veredas*, pode contextualizar historicamente a obra, apontar conexões com outros textos, e traduzir para uma linguagem mais acessível conceitos que a primeira leitura deixou opacos.

Contudo, Adler faz uma advertência que, aplicada ao contexto do YouTube, adquire quase a forma de uma profecia. Ele diz que os comentaristas nem sempre acertam em suas interpretações, e que muitos resumos e guias voltados para estudantes são "particularmente traiçoeiros" — pretendem oferecer tudo o que o leitor precisa saber sobre uma obra, mas, na prática, falham de maneira grave em suas leituras e, além de equivocados, podem acabar *desagradando justamente a quem os leram*.

No universo do YouTube, esse risco se amplifica de uma maneira que Adler não poderia prever em sua totalidade: a lógica dos algoritmos favorece o conteúdo que retém atenção, não necessariamente o conteúdo que é intelectualmente honesto com a complexidade de uma obra. Um canal que simplifica Nietzsche a ponto da distorção pode acumular milhões de visualizações; um canal que reconhece as tensões irresolvidas do pensamento nietzschiano talvez alcance um público dez vezes menor. O mercado de atenção não é indiferente ao conteúdo — ele tem preferências sistemáticas, e elas nem sempre apontam para a profundidade.

A regra de Adler, aqui, mantém toda sua força: o canal do YouTube deve ser lido *depois* de enfrentar o livro, não antes. Quem assiste a uma análise de *O Ser e o Nada* antes de abrir Sartre não está se preparando para lê-lo — está se preparando para acreditar que já o leu. Há uma diferença crucial entre os dois estados, e a confusão entre eles é, talvez, o maior perigo intelectual que os auxílios extrínsecos modernos representam.

Dito isso, há um elemento nas plataformas de vídeo que Adler não poderia antecipar e que merece reconhecimento: a dimensão comunitária. Os clubes do livro no YouTube e no Instagram

não são apenas canais de transmissão unilateral — são, em muitos casos, comunidades de leitores que discutem, divergem, e se corrigem mutuamente. Adler valorizava profundamente a ideia de que os grandes livros estão em constante diálogo entre si e com seus leitores. Um clube do livro bem conduzido, seja ele numa sala de estar ou numa live com cinco mil espectadores, é a materialização contemporânea desse diálogo. Quando funciona bem, ele não substitui a leitura — ele a prolonga, enriquecendo-a com perspectivas que o leitor sozinho jamais alcançaria.

Os Livros de Referência de Ontem e a Inteligência Artificial de Hoje

A analogia mais rica — e mais complexa — é a que podemos estabelecer entre os livros de referência descritos por Adler e as ferramentas de inteligência artificial contemporâneas, especialmente aquelas voltadas para o apoio à leitura, como o NotebookLM.

Adler dedica parte considerável do capítulo a discutir dicionários e enciclopédias, e o que mais chama a atenção em sua análise não é o que essas ferramentas fazem, mas o que elas *não fazem* e jamais poderão fazer. Uma enciclopédia, por mais abrangente que seja, não contém argumentos — ela registra fatos e relata discussões, mas não argumenta por si mesma. Ela não contém poesia nem imaginação. E é justamente por isso que ela "será uma ferramenta relativamente insatisfatória na busca por uma compreensão mais profunda". A compreensão profunda exige que o leitor enfrente o argumento, siga o raciocínio, habite o texto — e nenhum livro de referência pode fazer isso por ele.

O NotebookLM, para quem não o conhece, é uma ferramenta desenvolvida pelo Google que permite ao usuário carregar documentos — livros, artigos, PDFs — e então fazer perguntas sobre eles, solicitar resumos, pedir que a ferramenta identifique conexões entre textos diferentes, ou até gerar um "podcast" sintético em que duas vozes artificiais discutem o conteúdo carregado. É, em certo sentido, uma enciclopédia personalizada e infinitamente responsiva: você traz os seus textos, e ela os organiza, sintetiza e responde sobre eles com uma fluência impressionante.

Adler ficaria fascinado. E imediatamente cauteloso.

Fascinado, porque o NotebookLM realiza com sofisticação notável exatamente o que os melhores livros de referência se propõem a fazer: organizar o conhecimento de forma que o leitor possa encontrar o que procura, estabelecer conexões entre diferentes materiais, e responder a perguntas factuais com precisão e abrangência que nenhum dicionário impresso poderia rivalizar.

Cauteloso, porque os riscos que Adler identificava nos resumos e comentários se aplicam aqui com uma nova intensidade. A IA é, por sua natureza, um instrumento de síntese. Ela é extraordinariamente boa em identificar o que um texto *diz*, mas estruturalmente limitada em reproduzir o que um texto *faz* — isto é, o movimento do argumento, a tensão entre proposições, o que fica não dito nas margens do que é afirmado. Quando você pede ao NotebookLM que

resuma o argumento central de Kant na *Crítica da Razão Pura*, ele apresentará um resumo competente. Mas Kant não escreveu a *Crítica* para ser resumida — ele a escreveu para ser *habitada*, para que o leitor sentisse na própria mente o movimento do problema que ele estava tentando resolver.

Há ainda um perigo adicional que Adler, ao tratar dos resumos para estudantes, apenas tocou de passagem: o risco de que o auxílio extrínseco não apenas simplifique a obra, mas substitua a relação pessoal que o leitor poderia ter desenvolvido com ela. Adler observa que a leitura de um comentário antes do livro coloca o leitor à mercê do intérprete — "sua experiência com o livro será inevitavelmente moldada pela dele". Com a inteligência artificial, essa moldagem é ainda mais insidiosa, porque a ferramenta não se apresenta como um intérprete com perspectiva própria — ela se apresenta como neutra, objetiva, completa. E é exatamente essa aparência de neutralidade que pode adormecer o senso crítico do leitor.

Não obstante, seria um erro rejeitar essas ferramentas com o mesmo gesto. O NotebookLM, usado *depois* de uma leitura séria — ou seja, nos termos de Adler, usado como apoio à leitura extrínseca e não como substituto da intrínseca —, pode ser extraordinariamente valioso. Ele pode ajudar o leitor a mapear conexões entre *O Contrato Social* de Rousseau e os *Artigos da Confederação*, exatamente o tipo de leitura relacional que Adler recomenda ao tratar de grandes obras que dialogam entre si. Pode ajudar a identificar em qual tradição de comentários uma determinada interpretação se insere. Pode servir como o equivalente moderno do índice analítico da *Encyclopaedia Britannica* — uma ferramenta que revela a estrutura profunda do conhecimento para quem já sabe o suficiente para fazer as perguntas certas.

A Regra que Permanece

Ao longo do capítulo 12, Adler retorna consistentemente a uma mesma intuição: os auxílios extrínsecos são inúteis para quem nada sabe, e desnecessários para quem já compreendeu. Eles existem para habitar o espaço entre esses dois extremos — para ajudar o leitor que já fez o esforço a ir além do que sozinho chegaria.

Essa intuição é profundamente verdadeira e permanece intacta diante de qualquer inovação tecnológica. YouTube, inteligência artificial, podcasts filosóficos e clubes do livro online são, todos eles, ferramentas. E ferramentas não têm virtude própria — elas têm apenas o uso que fazemos delas. Uma faca na mão de um cirurgião e uma faca na mão de alguém que quer evitar o trabalho de mastigar são a mesma faca; o que difere é a intenção e o preparo de quem a empunha.

O leitor que assiste a um vídeo sobre *Dom Casmurro* antes de abrir Machado de Assis está terceirizando sua relação com a obra — está pedindo a outro que leia por ele e, ao final, apresentando as conclusões alheias como se fossem suas. O leitor que abre Machado, enfrenta a ambiguidade de Capitu, sente o desconforto de não saber onde está a verdade, e *depois* busca



num clube do livro as perspectivas de outros leitores — esse leitor está fazendo exatamente o que Adler recomendaria, e as ferramentas modernas podem servir magnificamente a esse propósito.

A diferença entre um leitor que usa a IA como muleta e um leitor que a usa como andaime é, no fundo, a mesma que Adler identificava entre o estudante que copiava o resumo e o estudante que, após lutar com o texto, buscava, no comentário, as perguntas que ainda não conseguia responder. Em ambos os casos, a tecnologia é neutra. O que não é neutro é o leitor — sua disposição para o desconforto, sua tolerância à incerteza, sua vontade de ser transformado por aquilo que lê.

Essa disposição, Adler não poderia nos dar. Nenhum canal do YouTube pode. Nenhuma inteligência artificial pode. Ela precisa ser cultivada por cada leitor, sozinho, diante de cada livro que decide enfrentar — o que, no fim das contas, é a boa notícia: o poder ainda está, e sempre estará, nas mãos de quem lê.